

Leitura, Canção Popular Brasileira e Educação Histórica

Luciano de Azambuja*

Resumo: A pesquisa realizada no Mestrado em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, consistiu na reflexão, proposição e aplicação de uma prática de leitura da canção, a partir de uma perspectiva que procurou relacionar Literatura, Canção Popular Brasileira e História. O recorte foi delimitado na tarefa de operacionalizar uma leitura da temática do “Imperialismo” em uma canção do Mundo Livre s/a, situada na trajetória discográfica do grupo, em simultaneidade com os desdobramentos do movimento Mangue Beat, e o contexto histórico em que a obra emergiu e foi recepcionada. Selecionado para o Doutorado em Educação da Universidade Federal do Paraná, o atual estágio da pesquisa consiste na estruturação de uma proposta de pesquisa histórica em ensino de História, calcada nos usos e apropriações da canção popular brasileira, a partir dos fundamentos epistemológicos da Educação Histórica.

Palavras-chave: Leitura, Canção, História.

Abstract: The research done Masters in Literature at the Universidade Federal de Santa Catarina, was the thinking, proposing and implementing a practice of reading of the song, from a perspective that sought to relate Literature, Popular Song and Brazilian history. The cut was defined in the task of defining a reading of the theme of "imperialism" in a song of the World Free s / a, located in the track record of the group, simultaneously with the unfolding of the Mangue Beat movement, and the historical context in which the work emerged and was approved. Selected for the Ph.D. in Education, Federal University of Parana, the current stage of research is the structure of a proposed historical research in teaching of history, based on the uses and appropriations of Brazilian popular song, from the epistemological foundations of Education History.

Keywords: Reading, Song, History.

É indiscutível a importância adquirida pela canção popular urbana na constituição do imaginário e das diversas identidades que formam os “Brasis” desse complexo mosaico cultural. Entretanto, grande parte da história da música popular brasileira foi produzida por críticos musicais, jornalistas, e diletantes que, distantes das universidades e pesquisas acadêmicas, refletiram um paradigma tradicional e conservador no panorama da historiografia contemporânea. Os historiadores de fato e de ofício, tardaram na descoberta da canção popular como fonte de pesquisa. Desde a década de 1970, a área dos Estudos Literários e as Ciências Sociais consagraram formas de análise da canção que influenciaram os primeiros trabalhos historiográficos. A primeira enfatizou o parâmetro poético da canção, a letra da música como foco privilegiado de análise, com destaque para as essenciais contribuições da

* Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

Literatura e da Lingüística, representadas respectivamente pelos trabalhos de José Miguel Wisnik e Luiz Tatit. Já a abordagem sociológica, enfatizou os atores sociais no processo de criação, produção e consumo de música. No final dos anos 1980, inspirada pela busca por novos objetos, problemas e abordagens preconizada pela Nova História, a produção acadêmica brasileira passou a reconhecer temas até então marginalizados como o fenômeno da música popular. No entanto, ainda não representava uma contribuição significativa no aspecto quantitativo e, sobretudo, qualitativo, fazendo com que o tema da canção popular continuasse bastante restrito e limitado.

Em vias de se completar a primeira década do século XXI, podemos afirmar que a situação apresentou avanços consideráveis. Além do uso crescente da canção como fonte de pesquisa e recurso didático nas diversas áreas das humanidades, a temática apresenta atualmente várias problematizações e suscita múltiplas abordagens. Verificamos que os historiadores inicialmente cometeram os mesmo equívocos dos primeiros pesquisadores, ao utilizarem a letra como simulacro de um documento escrito que era analisado apenas no seu significado verbal. Mais conscientes da complexidade do objeto, os historiadores vêm, lenta e gradualmente, tentando encontrar caminhos próprios que levem a uma especificidade da análise histórica da canção, na medida em que não têm formação em teoria e crítica literária, nem dominam os conceitos e metodologias da sociologia; sem contar, as dificuldades decorrentes da necessidade da análise da linguagem musical que o objeto demanda, e que exigem como pré-requisito mínimo, o desenvolvimento de uma percepção musical básica. Talvez não haja uma especificidade da análise histórica da canção, e sim a possibilidade de uma importante e parcial contribuição, para a construção de uma perspectiva multidisciplinar que a complexidade do objeto demanda. Talvez seja justamente a busca pela especificidade da leitura histórica da canção a contribuição mais profícua para a construção dessa perspectiva.

Nesse sentido, o historiador Marcos Napolitano, uma das referências no campo dos Estudos em Música Popular no Brasil, vem desenvolvendo um trabalho de sistematização da reflexão teórica e metodológica sobre a abordagem histórica da música popular, na medida em que procura estabelecer relações entre canção e história. Segundo o autor, o fonograma em suas articulações com a indústria fonográfica, constitui o *corpus* documental privilegiado da pesquisa em música popular do século XX. Destaca a importância da incorporação da materialidade do fonograma na análise da canção, sem menosprezar as fontes escritas extramusicais, que predominaram quase que exclusivamente na historiografia produzida até então. Para superar a dicotomia entre letra e música, o historiador recomenda uma articulação entre os códigos internos da linguagem musical e seus mecanismos de representação da

realidade histórica. Num diálogo indissociável entre forma e conteúdo, a primeira decodificação é de natureza estética e técnica, ou seja, os procedimentos específicos mobilizados pela linguagem musical; a segunda decodificação é de natureza representacional, os eventos, personagens e processos nela representados. De testemunhos vistos como “verdadeiros” porque “autênticos”, os historiadores contemporâneos passaram a enfatizar a análise das representações simbólicas contidas na fonte.

Além dos aspectos históricos e estéticos, Napolitano salienta um terceiro elemento fundamental na constituição da canção popular: o aspecto da sua *reprodutibilidade técnica*. Nesse caso, as estreitas e dependentes relações com a indústria fonográfica devem ser consideradas como partes fundamentais do processo de criação, produção, circulação e recepção das obras musicais. Essa linguagem cancional, resultado de processos tecnológicos de registro mecânico, constitui uma linguagem específica, complexa e multidimensional que não pode ser reduzida ao seu parâmetro verbal. Nessa linha de raciocínio, a abordagem da fonte musical tem o desafio de relacionar os parâmetros verbais com os outros parâmetros mobilizados pela canção, a saber, os aspectos musicais, históricos e técnicos.

Procurando transcender a concepção que privilegia somente a articulação do binômio, letra e melodia, na constituição morfodinâmica da canção; visando ultrapassar a noção reducionista que a vincula à condição de mero veículo de mensagens, é que pretendemos esboçar uma definição mais abrangente que alcance o seu complexo estatuto. Nessa perspectiva, canção é o produto de um conjunto indissociável constituído de palavra, a letra; música propriamente dita, melodia, harmonia, ritmo e timbre; a performance vocal, levando em conta as questões específicas da voz humana, e por último, os aspectos técnicos e tecnológicos de todo o processo e etapas que envolvem a produção fonográfica. Como podemos constatar, essa simbiose das diversas dimensões que constituem a especificidade, complexidade e unicidade do objeto canção, extrapolam os campos de análise histórica, literária, musicológica e técnica, e recomendam uma perspectiva multidisciplinar.

Apesar das ressalvas anteriores em relação à análise isolada da letra, o parâmetro verbal não deixa de constituir um princípio fundamental para a concretização da experiência musical da canção. Entender as relações entre letra e música na construção dos significados das canções tem sido um dos principais desafios e objeto dos pesquisadores da área das Ciências Humanas. Nessa perspectiva, evidenciam-se os diversos sentidos e leituras possíveis de uma canção; seus múltiplos significados podem flutuar e se deslocar de acordo com as circunstâncias em que emergem e são recepcionados por diferentes ouvintes. No entanto, o caráter polissêmico da canção não deve se tornar um obstáculo intransponível e uma tarefa

impossível para o historiador: os diversos sentidos de uma canção se constroem no tempo e no espaço, portanto devem se apoiar na análise da materialidade interna do suporte fonográfico, situado no contexto histórico em que o compositor se insere como agente, e em que a sua obra emerge e é re-significada com o passar do tempo.

É justamente o caráter polissêmico da canção e a possibilidade de múltiplos significados, que nos remeteu a um breve panorama sobre o ato da leitura e o papel do leitor na perspectiva dos desdobramentos de uma teoria literária contemporânea. A intenção foi buscar um referencial teórico que privilegiasse o leitor nas suas relações com o texto e o autor. Como ponto de partida, adotamos, entre as inúmeras sínteses propostas, a noção de leitura de Vincent Jouve; para o autor, “a leitura é uma atividade complexa, plural que se desenvolve em várias direções” (JOUVE, 2002: 17). Jouve observa na leitura um processo que apresenta cinco dimensões: neurofisiológica, cognitiva, afetiva, argumentativa e simbólica.

Relacionando leitura e literatura, o crítico e teórico Antoine Compagnon apresenta a seguinte síntese: “Depois da *literatura*, do *autor* e do *mundo*, o elemento literário a ser examinado com maior urgência é o *leitor*.” (COMPAGNON, 2001: 139). Os estudos literários estabelecem um lugar muito variável ao leitor: de um lado, abordagens que o ignoram completamente; do outro, as que o valorizam a ponto de identificar literatura à sua leitura. A história das teorias da leitura nas últimas décadas foi caracterizada por uma liberdade crescente concedida ao leitor, a ponto de situá-lo em primeiro plano, à frente do texto, para posteriormente problematizá-lo. Na retrospectiva delineada por Compagnon, as reflexões do autor inevitavelmente passam pela teoria recepcional. Ao se deter na vertente da fenomenologia do ato individual da leitura, representada por Wolfgang Iser, essa teoria pretende oferecer uma síntese entre pontos de vistas diversos sobre a literatura e propõe reconciliar formalismo e fenomenologia: a leitura faz parte da estrutura do texto e da interpretação do leitor. A tentativa de conciliação entre teoria literária e senso comum foi criticada e classificada por alguns teóricos como conservadora, pois, segundo essas críticas, por de trás de uma aparente pretensão inovadora, ocorria de fato uma re-legitimação de abordagens tradicionais.

Nessa retrospectiva, as teorias da leitura radicalizaram em direção a uma espécie de autodestruição da teoria literária. Depois de conceder poder ao leitor, questionando a objetividade do texto, depois de ter dado toda autonomia ao leitor, sustentado pelo princípio de uma *estilística afetiva*, essa liberdade foi retomada como uma última ilusão idealista de que era preciso desfazer-se. Nesse sentido, a dicotomia e a dualidade do texto e do leitor foram

contestados e amalgamados na concepção de “comunidade interpretativa”, entendida como sistemas e instituições de autoridade que engendram ao mesmo tempo, textos e leitores. Toda a hierarquia na estrutura que une autor, texto e leitor foi desconstruída por meio de uma eliminação simultânea da intenção, forma e recepção, que se fundem, simultaneamente, na autoridade da comunidade interpretativa. Para Compagnon, o balanço de perdas e ganhos desse recente período que podemos denominar de “depois do leitor”, permite concluir que da mesma forma que a atenção ao texto possibilitou contestar a autonomia do autor, a importância concedida à leitura questionou o fechamento e a autonomia do texto. Parece impossível à teoria preservar o equilíbrio e buscar uma síntese entre os elementos da literatura; as posições medianas parecem frágeis e difíceis de serem sustentadas e geralmente são rejeitadas pelos teóricos radicais. No entanto, são as teses radicais claramente exacerbadas que se tornam insustentáveis ao negar os três fundamentos básicos da teoria literária: o autor, o texto e o leitor.

Terry Eagleton, em sua abordagem histórica, argumenta que os leitores não se encontram com o texto no vácuo: estão socialmente e historicamente situados e a maneira pela qual interpretam as obras literárias será condicionada por esse fato. O crítico literário se preocupa com os tipos de efeitos produzidos pelos discursos, e como eles são produzidos, condicionando formas de consciência (e inconsciência) que estão diretamente relacionadas com a manutenção ou transformação das relações e sistemas de poder: “Inexiste uma reação puramente “literária”; todas as reações à forma literária, aos aspectos de uma obra (...) estão profundamente arraigadas no indivíduo social e histórico que somos.” (EAGLETON, 1983: 96)

A teoria cultural nos libertou da idéia de que haja uma única maneira correta de interpretar uma obra de arte. Reconhecer a evidência óbvia que uma obra de arte tem mais de um significado, não é reivindicar que possa significar qualquer coisa, ou num sentido inverso, beire a insignificação. Em outros termos, a polissemia não deve descambar para um relativismo radical ou um niilismo pessimista: o texto permite várias leituras, mas não autoriza qualquer leitura. Para Eagleton, a questão central é selecionar aspectos da obra que apoiem nossa interpretação dela. Trata-se de começar com o que queremos fazer para em seguida escolher as teorias e os métodos que nos auxiliarão a realizar nosso objetivo.

No caso da dissertação, as escolhas das teorias e métodos que nos ajudaram a realizar os nossos propósitos foram condicionadas a partir da especificidade do objeto canção e da temática que desejamos representar. Nesse sentido, as escolhas das premissas de Terry Eagleton e Fredric Jameson justificaram-se pela adequação aos propósitos da nossa

investigação. Primeiro por se tratarem de críticos literários e teóricos marxistas que procuram situar e localizar o fenômeno literário na sua respectiva situação histórica. Segundo pelo fato de que o conceito de “Imperialismo”, objeto de representação da leitura da canção, trata-se de uma noção reconhecidamente pertencente à tradição historiográfica marxista. Nessa perspectiva, o imperialismo ou, o capitalismo industrial financeiro monopolista, caracteriza uma fase do capitalismo e, portanto, constitui o próprio capitalismo, objeto de estudo e ponto de vista privilegiados do marxismo. Segundo Eagleton a funcionalidade de um conceito crítico é possibilitar um acesso às obras de arte; conceitos são maneiras de alcançar uma compreensão da obra, um modo de experimentar abordagens, algumas mais efetivas que outras; conceitos diferentes irão revelar aspectos diferentes. No nosso estudo de caso, a representação da temática do “Imperialismo” na canção do Mundo Livre s/a constituiu esse recorte, a porta de entrada para os aspectos que pretendemos focalizar.

Propusemos efetivar uma tripla abordagem histórica da canção: a historicidade das condições de produção, a representação da temática histórica e a contextualização na história do grupo e do movimento. Em outras palavras, a história da canção, a história na canção e a canção na história. Nesse sentido, vislumbrou-se uma leitura atenta a multidimensionalidade do objeto, que longe de esgotar as múltiplas possibilidades de abordagens, privilegiou os aspectos históricos em suas relações com os indissociáveis parâmetros poéticos, musicais e técnicos que constituem a sua especificidade. A escolha do movimento musical Mangue Beat, o recorte do fenômeno Mundo Livre s/a e a canção antiimperialismo, justificam-se pela sua emergência histórica, marco expressivo e reverberação de influências no panorama da música brasileira contemporânea. O ano de 2007 marcou os dez anos da morte e da permanência do legado de Chico Science; período que corresponde à trajetória de sobrevivência e superação da banda que tornou possível a sua alquimia sonora: a Nação Zumbi. Inevitável que também se lembre o segundo manifesto Mangue, o texto *Quanto vale uma vida* de autoria de Zero Quatro; escrito em decorrência da trágica morte de Chico, o manifesto fez um balanço retrospectivo dos cinco anos do movimento e apontou para o futuro, defendendo a continuidade da Nação Zumbi e do Mangue Beat. O *corpus* documental foi composto por uma canção do Mundo Livre s/a, *Novos Eldorados*, do disco *Carnaval na Obra* de 1998. No entanto, vislumbramos essa canção como o desembocar de um processo iniciado em 1984, ano da criação do grupo, e o disco, como um desdobramento da morte de Chico Science e que representa a cristalização do movimento Mangue Beat.

Podemos sintetizar a problemática do trabalho a partir de três desafios norteadores: (1) Como realizar uma leitura adequada à especificidade e complexidade da canção, que tenha

como foco principal, abordar os aspectos históricos e suas relações com os aspectos estéticos e técnicos que a compõe? (2) Como ler, descrever, analisar e interpretar a representação da temática do “Imperialismo” na canção do Mundo Livre s/a, em diálogo com as condições de produção do respectivo disco e o movimento Mangue Beat? (3) Como realizar uma leitura da canção a partir de uma perspectiva que relacione Literatura, Música Popular Brasileira e História em um estudo de caso específico? Para tentar superar esses desafios, partimos das seguintes hipóteses de procedimentos: (1) A canção constitui um objeto específico, complexo e multidimensional; somente uma perspectiva multidisciplinar é capaz de oferecer uma resposta parcial aos problemas metodológicos que o objeto apresenta. (2) As canções do Mundo Livre s/a constituem um material significativo para a representação simbólica da temática do “Imperialismo”, a partir de um ponto de vista periférico no processo de mundialização da cultura verificado na virada do século XX. (3) As canções do Mundo Livre s/a apresentam uma visão crítica, politizada, irônica e contraditória do capitalismo contemporâneo que estabelece pontos de contato com determinadas narrativas historiográficas sobre o tema.

Apoiados nos três fundamentos básicos da fruição estética, produção, recepção e comunicação, ou em outras palavras, autor, texto e leitor, colocamos em questão a possibilidade de uma leitura que estabeleça relações entre a liberdade subjetiva do leitor, delimitada pela imposição objetiva de um texto, situado na historicidade das condições de produção do autor. Procurando adequar e adaptar esses pressupostos à especificidade do nosso objeto, estruturamos a proposta de leitura a partir de três momentos norteadores: *a composição, a canção e a leitura geral*. Em *A composição: Zero Quatro, Mundo Livre s/a e o Mangue Beat*, com base na leitura de livros, dissertações, entrevistas, manifestos, artigos, críticas, reportagens, pesquisas a *websites* e *cdrooms*, procuramos apresentar uma breve história das origens, emergência e reverberações do movimento Mangue Beat, ao contemplar o período que vai da criação do Mundo Livre s/a em 1984, até as reverberações da morte de Chico Science em 1997, nas quais se insere o lançamento do terceiro disco do Mundo Livre s/a, *Carnaval na Obra*, lançado em 1998. A história do Mangue Beat constituiu a instância externa de análise; esfera extra-musical, mas não extra-estética, partindo do pressuposto de que o fenômeno acabou por se transformar em um movimento cultural, mas que teve as suas origens em uma cena musical. Nesse sentido, antes de apreender e compreender a canção, fez-se necessário vislumbrar uma panorâmica do movimento da qual ela faz parte enquanto enunciado específico de um discurso maior. Em *A canção: Carnaval na Obra e Novos Eldorados*, partimos da análise do disco para finalmente chegarmos à leitura da canção em si.

A partir dos pressupostos apontados por Márcia Tosta Dias em *Os donos da voz*, abordamos a produção social da canção, ao procurar descrever o processo coletivo de trabalho que envolve as várias esferas e os diversos profissionais especializados. Através da leitura e análise do encarte e da ficha técnica, e de informações advindas de outras fontes, selecionamos os seguintes aspectos: título do disco; suporte e formato; gravadora e estúdio de gravação; diretor artístico, produtor musical e arranjador; produtor executivo e engenheiro de gravação; mixagem e masterização; editora e projeto gráfico; prensagem e distribuição; relação e nomes das músicas do disco; participações especiais; textos, manifestos e agradecimentos. Num segundo momento, a partir de uma audição sistemática e descrição da performance vocal e instrumental, efetuamos uma análise geral que abordou os principais aspectos que compõem a canção: além da letra propriamente dita, a autoria da música; tempo de duração; editora; forma; gênero; produção musical e arranjo; intérprete e performance vocal; músicos e instrumentos; participações especiais; harmonia, melodia e ritmo; timbres e efeitos; gravação, mixagem e masterização. Nesse momento realizou-se a dupla contemplação necessária a uma abordagem adequada à especificidade da canção: os parâmetros poéticos e musicais através da articulação entre os mecanismos de representação da realidade histórica e a análise dos códigos internos da linguagem musical. Para a análise dos parâmetros poéticos, nos fundamentamos nas premissas de Antônio Cândido e Jean Cohen, além de Linda Hutcheon, referência na identificação do uso da estratégia discursiva da ironia. Para a descrição e análise da performance vocal nos apoiamos na seleção e adequação de alguns pressupostos de Paul Zumthor contidos em *Introdução à Poesia Oral*; para a análise da performance instrumental, além da audição sistemática, utilizamos os nossos modestos conhecimentos e experiências musicais. Em *Leitura Geral* procuramos identificar e analisar as representações da temática do “imperialismo” na canção selecionada e nas suas articulações com o compositor e intérprete Zero Quatro, o grupo Mundo Livre s/a, o disco *Carnaval na Obra*, o movimento Manguê Beat e, em linhas gerais, o contexto histórico em que a obra emerge. Ao identificarmos pontualmente tais representações nas várias instâncias, procuramos estabelecer relações com algumas noções gerais das narrativas historiográficas da temática, a partir das referências de Fredric Jamenson, Noam Chomsky, entre outros, de modo a perceber pontos de aproximação e afastamento entre o estético e o histórico no estudo de caso. E para concluir, em *Considerações Finais*, procuramos analisar os resultados obtidos; se os objetivos foram atingidos, se os problemas foram solucionados, se as hipóteses se verificaram, quais as limitações apresentadas e quais as contribuições a oferecer em perspectivas futuras de aplicação da proposta de leitura da canção.

Independentemente da verificação das hipóteses e do conteúdo significativo dos resultados obtidos na dissertação, pudemos constatar que as canções do Mundo Livre s/a, e por desdobramento, a canção popular brasileira como um todo, disponibilizam um valioso e privilegiado acervo que pode ser usado como fonte de pesquisa e recurso didático nas diversas áreas das humanidades, e em especial nas áreas que a perspectiva multidisciplinar da investigação procurou relacionar: Literatura, Música Popular Brasileira e História. Nesse sentido, pretendemos apresentar um pequeno e modesto avanço nos estudos dessa complexa linguagem que constitui uma das principais manifestações do patrimônio cultural brasileiro. Parafraçando Milton Nascimento, “o trem que chega é o mesmo trem da partida”; finalizado um ciclo de trabalho, inicia-se um novo período de investigação que, a partir das contribuições da pesquisa realizada, aspira cristalizar todo esse itinerário ao retornar onde tudo começou: a sala de aula.

O projeto de pesquisa, a ser realizado no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Prof. Dra. Maria Auxiliadora Schmidt, consiste na investigação das ideias históricas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, acerca do conceito histórico de “Imperialismo”, narrativizadas por escrito e oralmente, a partir das leituras e escutas da canção popular brasileira, usada e apropriada enquanto fonte histórica, na perspectiva dos fundamentos epistemológicos da Educação Histórica. Senhores passageiros tomem seus assentos: o trem da História que veio do passado e que possibilita os “encontros e despedidas” na estação do presente, está partindo mais uma vez, inexoravelmente, rumo ao futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMPAGNON, A. **O Demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

EAGLETON, T. **Depois da teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

NAPOLITANO, M. **A história depois do papel**. In PINSK, Carla B. (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **História & Música**. Belo Horizonte: 2002.

DISCOGRAFIA

MUNDO LIVRE S.A. **Carnaval na Obra**. s/l: Abril Music, 1998 1 disco laser. Gravação de som.